

Realidade ou ficção?



ANTONIETA COSTA

Este é o ponto crucial da questão levantada pelos achados arqueológicos na Ilha Terceira. Curiosamente a dúvida não assenta em nada de concreto, uma vez que os registos em questão são bem “reais”. Fala-se em “ficção” apenas devido à celeuma levantada pela Arqueologia Portuguesa que se manifestou em uníssono, muitas vezes em tom bastante ofensivo, através do seu jornal oficial da altura (2012/2013), o “Archport” (onde é possível constatar), apoiando fortemente a decisão do Governo Regional dos Açores em manter na clandestinidade qualquer propósito de legalização dos achados. Como “ficção” passou então a ser entendida pela maioria da população da Ilha, cordata com o parecer de pomposa “Comissão de Peritos” congregada para decidir sobre o assunto, na altura.

De “ficção” porém, não têm nada os achados. São tudo menos isso. Posso afirmá-lo pois realizei um pós doutoramento sobre a matéria, fornecendo dados bem concretos, de cujo teor e resultados finais mandei ficheiros a várias Entidades, incluindo a Biblioteca da Universidade dos Açores, com autorização de cópia para os interessados. Utilizando como Disciplina a Antropologia do Espaço, ela própria também resultante de uma profunda reformulação da Antropologia clássica, oferecendo agora um posicionamento ao investigador que o liberta das teorias assentes

e lhe recomenda uma visão descomprometida para com o objeto de estudo, facilitou-me uma abordagem mais atenta ao espaço em estudo. Foi assim que vi surgir todo um mundo inesperado de que conto dar-vos conhecimento, embora sobre ele existam várias monografias publicadas.

Contudo, aquilo que me leva a propor esta reflexão vai muito para além da constatação do objeto em si, e mais para informar sobre o “estado da arte” no plano mundial, onde constantemente se levantam questões semelhantes a esta, que não se limitam a discernir entre realidade e ficção, por abalarem fortemente o mundo da ciência, tal como ele está concebido. Suportado pela convicção de que a Civilização atual evoluiu através de eixos apoiados quer na evolução humana a partir do macaco, quer na revolução agrícola que a sustentou, quer no surgir da religião (a partir da satisfação das necessidades básicas), etc., tudo com datações precisas e cronologias afins, ergueu-se todo um edifício que agora se percebe ser ficção, começando a desmoronar-se. O que acontece quando surgem estes novos elementos perturbadores, como foi Gobekly Tepe, por exemplo, que destruiu em simultâneo várias das teorias existentes (incluindo a religiosa), ao impor-se como 6000 anos mais antigo que StoneEnghe?

Não só se tornam um embaraço geral, como podem contribuir para uma destabilização de normas sociais, entre muitos outros males.

A meu ver, o caso da Terceira, que também contesta a teoria evolutiva, poderá apresentar-se, não só para os Açorianos, mas para esta situação Mundial, como uma interessante zona de interface onde as diversas teorias podem confluir e (talvez) ajustar-se. Isto porque está próximo, pode ver-se e testar outras explicações... e porque os Açorianos poderão apresentá-lo como pedra de toque da questão, dada a sua concretude, que nada tem de ficção...



Luta dos pássaros vermelhos com os brancos. Pormenor



Rocha do Leão, Pateira, Ilha Terceira

Análise Internacional

A maior ruptura política



ORLANDO FERNANDES

A expressiva vitória de Andrés Manuel López Obrador (A.M.L.O.) nas presidenciais do México, com 53,6% dos votos, não só marca uma viagem à esquerda que provoca uma ruptura de fundo na política e no sistema partidário mexicanos.

Não é exagerado falar em mudança de regime. O partido que criou para vencer as eleições, Movimento Regeneração Nacional (Morena), surge como a nova força hegemónica no México. É também a primeira força parlamentar, embora sem maioria absoluta, consegue a implantação territorial.

Após 70 anos de hegemonia do Partido Revolucionário Institucional (PRI), a vitória do conservador Vicente Fox nas presidenciais de 2000 levou a uma bipolarização entre o Partido da Acção Nacional (PAN, direita) e o Partido da Revolução Democrática (PRD, esquerda). Este sistema entrou em colapso nestas eleições.

Ricardo Anaya, candidato do PAN e aliado ao PRD obteve 22,5% dos votos, enquanto José Antonio Meade, candidato do PRI, ficou pelos 15,5%. Os resultados para as duas câmaras do Parlamento e as votações nos estados onde se elegiam governadores seguiu essa tendência. Exemplo relevante é o facto de Morena ter conquistado ao PRD a Cidade do México.

É a terceira alternância em 18 anos. Após 12 anos de domínio do PAN, o PRI reconquistou a presidência e o Parlamento em 2012. Mas, desta vez, o que acontece é muito mais do que uma alternância. É um terramoto que, para os analistas, constitui a maior ruptura na história moderna do México.

O PAN está dilacerado por divisões provocadas pela aliança que Anaya fez com a esquerda e o PRD está em vias de ser esvaziado

em benefício do Morena.

O histórico PRI é também ameaçado pelo triunfo de A.M.L.O. e do Morena. A sua sobrevivência depende da força dos caudilhos “pristas” nos governos estaduais, mas eles estão em patente declínio. Terá de se reinventar.

Sinal d sua dramática crise é o facto de o Presidente Enrique Peña Nieto ter escolhido como candidato o independente Meade, um ministro tecnocrata. A ideia era não se identificar com o fracasso da actual presidência, completamente desacreditada. Mas provocou um efeito de boomerang: os eleitores não reconheceram nele a cultura do velho PRI.

É importante notar que os valores históricos que A.M.L.O. reivindica são em grande medida os do nacionalismo revolucionário que o PRI encarnou durante décadas. Reside aqui a ambiguidade e o paradoxo do esquerdismo de López Obrador.

Nada tem a ver com Hugo Chávez mas com raízes da revolução nacional mexicana. Por isso, o Morena pode ser uma força capaz de atrair grande parte de um PRI em decadência e em perda de identidade.

Por outro lado, o binário PRI-PAN perdeu a legitimidade perante o discurso social e anticorrupção de López Obrador. “A legitimidade foi perdida porque o sistema deixou de ser funcional: apesar da melhoria económica, criou fortes desigualdades sociais e foi incapaz de lidar com a violência e a insegurança”, sublinha o analista Luis Rubio.

A cultura política criada pelo PRI pode favorecer os desígnios de Andrés Manuel López Obrador. O seu projecto não é criar “uma nova maioria mas um avassalador bloco político” destinado a dominar a política mexicana por muitos anos, explica o analista Jesús Silva Herzog Márquez. “O Morena não se concebe como um partido, tem a expectativa de encarnar todo o mundo político (...). Pretende apresentar-se como a síntese política do México, como voz da legitimidade histórica.”

Prevê Herzog-Márquez: “Depois do voto, seguir-se-ão naturalmente as migrações para o campo dos ganhadores.” Morena não quis apenas alargar o seu eleitorado e conquistar a presidência “mas refazer o mapa e dinâmica da política. Prepara-se uma mudança sem precedentes”.